


Manuais de Cinema II



Géneros Cinematográficos

Luís Nogueira

Livros **LabCom**
2010

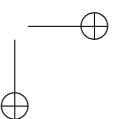
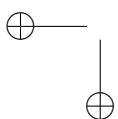


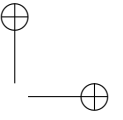
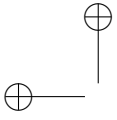


Luís Nogueira

Manuais de Cinema II
Géneros Cinematográficos

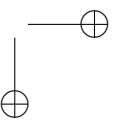
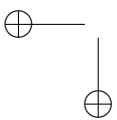
LabCom Books 2010

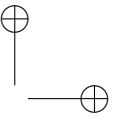
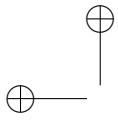




Livros LabCom
www.livroslabcom.ubi.pt
Série: Estudos em Comunicação
Direcção: António Fidalgo
Design da Capa: Madalena Sena
Paginação: Marco Oliveira
Covilhã, 2010

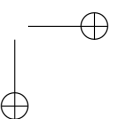
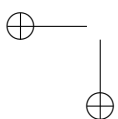
ISBN: 978-989-654-042-5





Índice

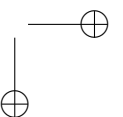
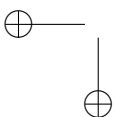
Introdução	1
Definição	2
CrITÉrios	4
Funções	7
Género e autor	9
Cânone	11
Mutações	13
Géneros Clássicos	17
Acção	18
Comédia	20
Drama	23
Fantástico	26
Ficção Científica	28
<i>Film noir</i>	31
Musical	34
Terror	36
<i>Thriller</i>	39
<i>Western</i>	41
Subgéneros	43
Cinema de Animação	59
Definição	59
Princípios	61





Breve história da animação	64
Técnica	75
Estética	80
Plástica	86
Cinética	95
Mímica	103
Banda sonora	109

Cinema Experimental	115
Definição	115
Oposições	118
Experimental e experimentação	124
Cinema e arte	128
Subgêneros	147
Híbridos	151



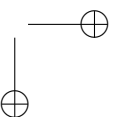
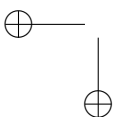


Introdução

Começamos por uma breve introdução, necessária em função da estrutura que sustenta este livro e das intenções que o justificam. Os géneros cinematográficos são um campo amplo e diverso. O nosso propósito, aqui, não é, nem poderia ser, analisar e explicar os géneros cinematográficos em toda a sua extensão e profundidade. Ainda assim, não queremos deixar de propor vias de estudo suficientemente válidas ou inovadoras para este tema.

Dividimos este estudo dos géneros numa parte introdutória e três partes mais específicas. Na primeira, propomos uma compreensão tão vasta quanto possível das questões prévias e fulcrais que se colocam acerca dos géneros cinematográficos: o que é um género? O que é um canône? Quais os critérios de identificação de um género? Depois, abordamos os géneros (e subgéneros) clássicos e principais: quais são? Quais as suas características? Em seguida, tratamos um género muito particular, pleno de criatividade e com uma história riquíssima e muitas vezes ignorada: o cinema de animação. É todo um mundo de imaginação sem freios, pessoal e plural, tanto temática como estilisticamente. Por fim, incidimos sobre o género cinematográfico menos consensual ou mesmo inviável: o cinema experimental. Dizemos que se trata de um género eventualmente inviável precisamente na medida em que se trata de um tipo de cinema que se afirma muitas vezes fora dos, ou contra os, géneros instituídos.

Como se constata, a divisão proposta e a organização deste livro pode ser sujeita a discussão. Eventualmente, muitos aspectos do tema poderão estar sobre ou sub-valorizados. A ausência do cinema documental, por exemplo, é um dado bem notório. De qualquer modo, trata-se sempre de fazer escolhas, na impossibilidade de tratar todas as matérias. A nossa expectativa é muito simples e clara: que cada leitor, e em especial cada aluno, possa encontrar neste manual uma humilde contribuição para um conhecimento mais vasto do fenómeno cinematográfico, em geral, e dos géneros que o integram, em particular. Não mais que isso.





Definição

A primeira questão – que é também a primeira dificuldade e a primeira necessidade – no estudo dos géneros cinematográficos relaciona-se com a sua definição. A questão dos géneros detém na história dos estudos artísticos uma preponderância bastante grande, em especial na literatura, mas também na pintura, constituindo uma tradição vasta e rica, sempre inesgotável.

Na literatura, podemos fazer remontar a questão dos géneros, pelo menos, a Aristóteles, que na sua ‘Poética’ efectua a distinção fundamental entre comédia, (poesia) épica e tragédia. Ao longo dos séculos seguintes, inúmeras seriam as obras que tomariam esta temática como preocupação, dando origem à escrita de incontáveis *artes poéticas*, nas quais se tentou estabelecer frequentemente as premissas e os critérios criativos, bem como a categorização e a caracterização dos diversos géneros. Assim, resulta daí uma extensa lista de géneros que podem ir da cosmogonia ao poema lírico ou ao aforismo, passando pela epopeia, pela ode, pela elegia, pelo romance, pela farsa, pelo conto, pela crónica, pela epístola ou pelo ensaio, entre outros.

A cada um deles, ainda que com relativa irregularidade, o cinema foi buscar um pouco para si. Porém, apesar da enorme diversidade de aspectos que são tidos em conta nestes géneros, devemos, contudo, referir que existem três géneros que, pelas razões que veremos mais adiante, nos parecem, tendo em conta o nosso objecto de estudo, fundamentais sobre todos os outros: a tragédia, o drama e a comédia. A tragédia porque, como refere Aristóteles, retrata seres melhores que nós, os comuns mortais; a comédia porque se refere a seres piores que nós; o drama porque ilustra a vida de seres iguais a nós, ou seja, do cidadão comum.

De forma semelhante, a pintura haveria de criar igualmente uma grelha classificativa dos géneros pictóricos, mediante os quais se enunciam as condições de criação e se procede à descrição de cada um. A paisagem e o retrato são dois dos mais comuns, mas podemos indicar diversos outros, dependendo a sua qualificação quer do tema, como sucede com a natureza-morta, com a *storia* (que podemos identificar como pintura narrativa) ou com a alegoria, quer da técnica, como sucede com o fresco, com o retábulo ou com o mural, quer do estilo, como sucede com as dis-





tinções primordiais entre pintura abstracta e pintura figurativa ou entre pintura medieval e pintura renascentista.

Como não pode deixar de ser, de ambas estas áreas artísticas colhe o cinema inúmeros ensinamentos, transpondo frequentemente para as suas obras características de cada um daqueles géneros. Porém, o cinema haveria de progressivamente originar a sua própria distribuição genérica. Assim, podemos afirmar que no contexto da cultura cinematográfica, existe igualmente uma extensa herança, seja do ponto de vista analítico e crítico (que procura identificar as características dos géneros, a sua delimitação, a sua evolução, as suas derivações, as suas hierarquias e, eventualmente, o seu desaparecimento) quer do ponto de vista criativo e cultural (na medida em que os géneros tendem a instituir-se em modelos ou fórmulas artísticas facilmente reconhecíveis, partilháveis e imitáveis).

Estando a delimitação e a caracterização dos géneros sujeitas à constante mutação e hibridação dos mesmos, torna-se difícil atingir um consenso definitivo sobre os critérios e as fronteiras que permitem identificar e balizar cada género. No entanto, podemos afirmar, resumidamente, que um género cinematográfico é uma categoria ou tipo de filmes que congrega e descreve obras a partir de marcas de afinidade de diversa ordem, entre as quais as mais determinantes tendem a ser as narrativas ou as temáticas.

Dito isto, podemos acrescentar três ideias: em primeiro lugar, que, virtualmente, a partilha de uma dada característica implica a pertença de um filme a um género; em segundo, que toda a obra pode, em princípio, ser integrada num determinado género; e, em terceiro, que uma obra pode exibir sinais ou elementos de diversos géneros. Semelhança ou afinidade tornam-se, portanto, os princípios de reconhecimento e distribuição genérica dos filmes. É na medida em que podemos reconhecer numa obra a assumpção ou a subversão de determinadas convenções que podemos estabelecer o índice da sua pertença ou do seu distanciamento em relação a um género.

O que é então um género? Um género será uma categoria classificativa que permite estabelecer relações de semelhança ou identidade entre as diversas obras. Desse modo, será possível, seguindo o raciocínio genérico, encontrar a génese comum de um conjunto de obras, procurando nelas os sinais de uma partilha morfológica e ontológica – assim, atra-





vés da ínfima comunhão de determinadas características por parte de um conjunto de obras, poderemos sempre proceder a genealogia mais remota das mesmas, o que haverá de permitir compreender melhor o seu processo criativo e efectuar a arqueologia das ideias fundamentais que veiculam ou das situações que retratam.

Assim, a identificação de um determinado género haverá de passar inevitavelmente pela identificação de um esquema genérico. Essa concepção esquemática partirá de uma grelha de aspectos que uma obra deve preencher e do modo como a preenche: tipo de personagens retratadas, tipo de situações encenadas, temas correntemente abordados, elementos cenográficos e iconográficos, princípios estilísticos ou propósitos semânticos, por exemplo. Quando este esquema permite identificar um padrão recorrente num vasto grupo de obras, temos então que um género ganha dimensão crítica – isto é, um elevado número de qualidades é partilhado por uma elevada quantidade de filmes. A partir daí o género torna-se uma instituição cultural relevante – mesmo se o futuro lhe augurar, com certeza, mutações e hibridações.

Critérios

Depois de um esboço de definição, precisamos de um conjunto de critérios para a identificação de um género. Se aplicarmos – como usualmente se faz – critérios de ordem essencialmente narrativa na categorização genérica das obras cinematográficas, podemos identificar aquilo que designamos por géneros clássicos como o *western*, o drama, o musical, o terror, a acção ou o *film noir*, cujos elementos se manifestam recorrentemente e nos permitem um fácil reconhecimento das características da história (o que se conta) e do enredo (o modo como se conta): as situações e padrões narrativos, a tipologia e perfil das personagens, a morfologia e semiótica dos locais, os temas abordados, a época dos acontecimentos, a iconografia e a simbologia dos adereços e objectos, bem como opções estilísticas convencionais ao nível da música, da montagem ou da fotografia, são aspectos essenciais dessa caracterização. Falamos então de uma classificação estrita dos géneros.

A aplicação de critérios mais vastos e diversos, permite a identifica-



Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

